

“Recursos do governo podem aquecer negócios, mas o preço será mais inflação”

por Claudia de Souza
de São Paulo

O presidente da Monsanto do Brasil Ltda., oitava no 'ranking' das empresas petroquímicas e há 29 anos no Brasil, Antonio Carlos Queiroz, brinca com uma pequena bola de cristal, presente de seu analista financeiro. Diante da crise política e das incertezas na área econômica, ele não faz previsões. Sabe apenas que o terceiro e quarto trimestres não serão melhores do que os resultados que a empresa obteve no primeiro semestre, ao contrário do que vinha apostando.

"Após as declarações de Pedro Collor, os negócios tiveram uma parada grande, por 45, 60 dias, com exceção dos negócios ligados à colheita agrícola", diz. A empresa é a maior produtora de milho do Brasil.

do-o-s a acreditá que era
uma pessoa e não uma ma-
quiña que lhes respondeu.
Mas, para adaptar-se ao
moldé humano, as máqui-
nas tem de exibir limita-
ções humanas, e não ape-
nas as capacidades. Os ju-
zes do Museu do Computa-
do, por exemplo, ficaram
particularmente impres-
sionados pela grande habi-
lidade do programa vence-
dor em limitar erros de digi-
tação humanos. Mas quem
precisa de um computador
que não sabe digitar?



Antônio Carlos Queiroz

lada agora de modo precário. Acabaremos diante de inflação fora de controle e novo choque econômico", comenta.

O problema mais óbvio com o desafio de Turin é que não há razão prática para criar inteligência artificial que possa se adaptar a situações que não sejam de jogos de tabuleiro. A empresa tem preferido comprar a vista de seus compradores para criar inteligência artificial que não é de Turin e que é mais óbvio. O problema mais óbvio com o desafio de Turin é que não há razão prática para criar inteligência artificial que possa se adaptar a situações que não sejam de jogos de tabuleiro. A empresa tem preferido comprar a vista de seus compradores para criar inteligência artificial que não é de Turin e que é mais óbvio.